

UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM DIÁLOGO COM OS PROBLEMAS SOCIOECONÔMICOS DOS DISCENTES

Paloma Furtado dos Santos Sousa

Cícero Freud Lacerda Leite

Cássia da Silva

Aluizio Lendl Bezerra (Orientador)

Universidade Regional do Cariri – URCA /palomafurtado8@gmail.com

Universidade Regional do Cariri – URCA / c.fleite@hotmail.com

Universidade Regional do Cariri – URCA/ cassia_silv@hotmail.com

Universidade Regional do Cariri – URCA /aluizio.lendl@urca.br

RESUMO

As reduzidas condições socioeconômicas que afetam grande parte da população brasileira, são, ao mesmo tempo, causa e consequência dos problemas do desenvolvimento educativo do indivíduo. Essa falta de recursos da família a impede de proporcionar ao filho, parente ou ente a aquisição do material escolar necessário a sua aprendizagem. Considera-se, então, a classe desfavorecida, na sua maioria, desprovida de uma abrangência de conhecimento, em razão deste fato. Essa realidade (a falta de condição financeira familiar) acarreta ao ingresso do filho no mercado de trabalho precocemente, afastando-o da escola. Porém, a prática educacional sistemática exige que o aluno tenha, além da frequência à escola, docentes preparados para lidar com a realidade socioeconômica do aluno e possa conduzi-lo da melhor forma possível, no envolvimento com o processo educacional. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo principal refletir sobre a formação docente no que se refere à preparação do profissional da educação frente aos desafios enfrentados diariamente ao lidar com alunos que, por fazerem parte de camadas socioeconomicamente menos favorecidas, apresentam dificuldades de aprendizagem na escola. Esta pesquisa estará em constante diálogo com as teorias atuais sobre leitura, escrita e práticas educacionais. A metodologia constitui-se numa pesquisa bibliográfica que sirva como referências para os demais estudiosos no assunto, dessa forma, teremos, como suporte, as abordagens

teóricas atuais de diversos autores. Sabe-se que a práxis pedagógica em diálogo com as diversas teorias, que tratem do tema educacional em suas diversas facetas, se faz necessário aos educadores que almejam conduzir seus alunos para uma formação discente integral. Nesse sentido, essa pesquisa tem como referência os autores: Zilberman (1994); Freire (2011); Castells (2001); Nóvoa (2009) e Sant'Anna (1986); que contribuíram para que, com esse trabalho teórico, pudéssemos compreender como o aluno deve ser envolvido no processo educativo de leitura de mundo e da realidade socioeconômica e como esse processo transforma o próprio ato educativo.

Palavras-chave: Educação, Situação Socioeconômica, Família, Educadores.

Consideração Iniciais

Estudar depende da prática de boas leituras e principalmente da vontade de querer aprender. Partindo do pressuposto de que a educação reflete na sociedade as boas práticas aprendidas metodicamente, é válido sempre buscar melhorias na própria administração de qualquer instituição educativa, desde que estas melhorias obedeçam às diretrizes estabelecidas pela política educacional e governamental.

Os momentos de aprendizagem estão presentes na vida de cada indivíduo, desde o doméstico até o escolar. Esses momentos são favorecidos quando o indivíduo é a pessoa mais interessada em informações, objetivando construir seu próprio conhecimento e quando há disponibilidade de material didático.

A atuação da escola contribui para propiciar a formação do aluno, atitude esta decisiva para sua vida. A leitura nesse sentido, assume uma função primordial, ajuda na formação intelectual e na apropriação da escrita. Esta que, em nossa sociedade letrada, vem passando por diversas modificações com o advento das inúmeras tecnologias de comunicação e informação e a influência da globalização.

Formadores que atuam na área de línguas ajudaram nos dialetos e nas invenções de outros idiomas que nortearam a pluralização das línguas. A existência da escrita, influenciou no diálogo e nas resoluções de diversos problemas da vida. Se as línguas não fossem compreendidas, o caos social seria comparado à “Torre de Babel”, resultando em confusões inimagináveis na comunicação.

No âmbito educacional ler ultrapassa a decodificação mecânica de letras que se unem e formam palavras, ler verdadeiramente um texto, pressupõe que este seja compreendido e que haja a contextualização da leitura, interpretando o que se lê, isso resulta no aprendizado qualitativo do aluno leitor.

Independentemente da classe socioeconômica, a fixação da leitura nas escolas ajuda no desenvolvimento da escrita, porém somos surpreendidos, diariamente nas escolas, com os problemas socioeconômicos dos alunos impedindo-os de estudar, boa parte desses alunos ficam à mercê de alternativas que gerem renda para se manterem economicamente. Muitas vezes a escola é colocada em segundo plano, pois as necessidades materiais elegem o mercado de trabalho como prioridade e sobrevivência.

O que causa indignação é a ausência de um olhar para as questões socioeconômicas dos alunos. Um olhar para essas necessidades faz-nos pensar em ações conjuntas (Escola, Família e as demais instituições) de melhoria da perspectiva de socioeconômica dos discentes.

A prática da leitura na formação social da humanidade moderna

Experiências fazem o homem questionar melhor o mundo e, conseqüentemente, explorar novas leituras, adquirindo conhecimentos através de seu labutar intelectual. Paulo Freire é um exemplo disso pois, as suas obras e sua genialidade têm grande repercussão em todos os níveis da educação brasileira, em diversos níveis escolares.

Podemos observar o interesse do próprio autor pelo aprendizado, mesmo faltando diversos instrumentos utilizados hoje em sala de aula, o mesmo não desmotivou em sua formação e continuou na luta pelo seu desenvolvimento intelectual, sendo hoje exemplo de superação na seara pedagógica. O mesmo afirmou: “O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz” (Freire, 2011, p. 24). A criatividade e desenvoltura pelos estudos fez com que se debruçasse, estudando no próprio chão e ainda assim; a força de vontade culminou em grande rendimento intelectual.

É possível então, tomando como exemplo Paulo Freire, chegar a conclusão de que quem não pratica a leitura e a escrita é impossível aprender, mas praticando-as e se familiarizando com elas, o indivíduo torna-se capaz de aprender e ensinar, elucidando melhor o raciocínio.

Compreender um texto é saber interpretar. Sem o entendimento das palavras que o compõe não tem como compreendê-lo, seremos, neste caso, desprovidos do conhecimento, ‘questionando’ que a leitura tem uma linguagem rebuscada. É pertinente descobrir mecanismos que possam nos dar uma melhor compreensão e desenvolver um estudo eficiente e promissor para a vida acadêmica e profissional.

Profissionais da educação, juntamente com a sociedade tem que lutar por seus direitos e ter autonomia em suas decisões políticas e educacionais. A “reconstrução nacional” depende de uma educação prioritária, capaz de alcançar os objetivos dos professores que possibilitam ao aluno chegar a seu patamar desejado na completude de suas capacidades cognitivas e interacionista com a leitura e a escrita.

Diante dessa temática, o filósofo Sócrates disse por intermédio de seus discípulos: “Tudo o que sei é que nada sei.” Essa declaração evidencia que ninguém sabe de tudo, se soubesse de tudo, todas as habilidades que nos particulariza, então é preciso descobrir em que parte podemos estar inserido, qual é a nossa predisposição, seja no aspecto religioso, político, educacional e social por questões de afinidades através do gosto por determinada leitura.

O estudo nos faz refletir sobre o que queremos, pensar melhor e ter nossas escolhas, melhorar nossa capacidade cognitiva e almejar um emprego que gostaríamos de ter, sem precisar de intermediários ilegais que nos encaminhem ao mercado de trabalho. Sem o estudo não temos liberdade de escolha, sem estudo somos subalternos aos interesses dos homens mesquinhos que visam somente ao próprio crescimento de cunho puramente econômico. Entendendo isso, compreendemos a afirmação de Freire: “Estudar é um dever revolucionário!” (2011, p. 86).

A produção, tanto mecânica como intelectual constitui forças produtivas de uma sociedade revolucionária. O trabalho braçal e intelectual estão no patamar de produtividade, pois, uma casa para ser edificada precisa da classe operária como também de profissionais qualificados que desenvolvam seu papel através da escrita e da oralidade.

Com o surgimento de uma nova sociedade e suas transformações inovadoras como a tecnologia, a velha sociedade vem sofrendo, sendo difícil transmitir novas ideologias para uma sociedade velha que outrora não tivera essa oportunidade que temos hoje, com a tecnologia inovadora, que surgiu através da revolução industrial. “Pensamos demasiadamente e sentimos muito pouco. Necessitamos mais de humildade que de máquinas. Mais de bondade e ternura que de inteligência. Sem isso, a vida se tornará violenta e tudo se perderá” (Chaplin, 2004, p. 66).

Não queremos com isso afirmar que as tecnologias são as vilãs da educação, ao contrário, estas, contribuem com a educação de forma satisfatória, facilitando o trabalho dos profissionais que estão inseridos no sistema educacional, sobretudo quando há a utilização da informatização que, incorporada na educação e nos seus adjacentes, se faz como ferramenta inovadora de circulação rápida de conhecimento. Por exemplo, com acessos às bibliotecas virtuais, pode-se, na era informatizada, capacitar intelectualmente o homem distante de um acervo cultural físico.

Por outro lado, os desafios colocados pelas novas tecnologias têm vindo a revolucionar o dia a dia das sociedades e das escolas, já que, como bem escreve Manuel Castells, “o essencial reside na aquisição de uma capacidade intelectual de aprendizagem e de desenvolvimento, o que coloca os professores no centro da nova pedagogia” (Castells, 2001, p. 278).

É inegável que as escolas e a sociedade necessitam de recursos midiáticos para acompanhar seu processo educacional, porém o mais importante não é ter esse aparato tecnológico, é possuir conteúdo didático para os alunos aprenderem com eficiência. O centro de uma nova pedagogia é se adequar a nova tecnologia sem omitir a aquisição de novos conhecimentos que fazem os professores caminharem em direção ao sistema educacional e tecnológico como desafio promissor para sua profissão, “ [...] no entanto, estão implícitas outras questões, entre elas, como se dará a abertura para o diálogo e a reflexão sobre a própria prática, considerando que muitas vezes a escola não proporciona condições para que isso ocorra” (FRANCO, 2011, p. 213).

A escola, na figura dos gestores, interfere nas ideias propostas pelo professor que tem diferentes planos para oferecer melhores aulas. Quando não existe diálogo entre professor e núcleo gestor, conseqüentemente não teremos diálogo com os discentes, ocasionando aulas rotineiras, para não dizer tradicionais. Assim,

Quem trabalha com formação de professores pode facilmente observar o desespero de professores frente ao próprio despreparo profissional e as dificuldades que têm para organizar a sua prática docente. Mesmo realizando cursos de formação continuada, não se sentem preparados para empreender mudanças na prática, ou seja, não conseguem apreender saberes básicos e nem estar em processo de construção dos saberes pedagógicos (FRANCO, 2011, p. 217-218).

A prática de ensinar exige do professor novos paradigmas para atender os alunos que estão num patamar de educação inovadora. O professor é o mediador por possuir “preparo profissional”, que é o reflexo das práticas vivenciadas nas Escolas e instituições de ensino

superior. Porém, se o professor tem todas as suas ferramentas de ensino e desenvoltura do saber, mas não consegue descobrir nos alunos suas potencialidades, os mesmos serão prejudicados e despreparados como sujeitos que almejam um bom ensino e aprendizagem.

“A complexidade da prática docente também se vislumbra no atual cenário da sala de aula, com a inclusão de alunos oriundos de diferentes camadas sociais, o que vem exigindo do professor um olhar diferenciado para melhor compreensão da prática que desenvolve” (FRANCO, 2011, p. 220).

O que interfere à ausência de alunos na escola e no seu aprendizado, possivelmente são questões socioeconômicas que envolvem o aluno e a família. Esse aluno merece um olhar diferenciado, e deve ser incluído na escola, não como frequentador, mas como estudante assíduo e cumpridor de suas obrigações. A escola deve propor soluções para inclusão dos alunos no ambiente escolar e acompanhá-los em suas dificuldades em relação a prática de ensino do docente que deve dialogar com os discentes na tentativa de contribuir com o seu aprendizado. O professor deve ministrar aulas que facilitem nas suas explicações para o aluno aprender e apreender, independentemente de suas classes sociais serem alta ou baixa, isso não quer dizer que esses alunos não estudem e não tenham a mesma capacidade cognitiva de outros estudantes possuidores de camadas socialmente favorecidas e menos favorecidas no que tange em nosso contexto educacional.

A mudança, portanto, somente terá sentido se ocorrer no coletivo, na cultura escolar e na forma de articular e organizar os novos pressupostos à lógica das práticas, para dar contornos à emergência de uma nova práxis pedagógica. Para tal, é necessário que se tenha conhecimento da realidade que se deseja transformar (FRANCO, 2011, p. 220-221).

Para transformar a realidade da política educacional é necessário transformar os componentes que fazem parte da escola, sozinho, o professor não consegue mudar, mas através da coletividade podem-se unificar todas as ideias e reter o que é mais proveitoso, numa busca de resultados que dialoguem, sobretudo, em conformidade com o grupo de estudantes.

Não adianta ensinar às pessoas frases e palavras sem que elas entendam os significados destas e a função delas numa situação comunicacional, importante é fazer com que elas pensem, tenham ação e participação consciente, possibilitando-lhes melhorar a conjuntura político-educacional que se encontram. Sermos verdadeiros revolucionários é melhorar os pensamentos e agir de maneira correta.

Entender, praticar a leitura e avaliar a prática devem ser ações constantes do educador e do educando. A avaliação da prática é imprescindível, ela corrige quando se erra, de forma que aprendemos através do erro, possivelmente questionando o erro e aprendendo com ele a não errar mais.

A teoria e a prática são indissociáveis. A Educação leitora pode ser construída pelos educadores, utilizando das literaturas e incentivando os alunos a praticarem a leitura todos os dias, tendo essa prática como disciplina diária na perspectiva de melhorar seus conhecimentos. Movida pela educação de qualidade, a leitura enriquece seu vocabulário, criando assim, em longo prazo, um mundo melhor com seres pensantes e capazes de modificar o mundo, tendo o livro e a tecnologia como instrumentos para o desenvolvimento intelectual humano.

Como afirma Zilberman: “A escola constitui o espaço por excelência de aprendizagem, valorização e consolidação da leitura, cooperando com o processo de legitimação da literatura e da escrita no mundo capitalista” (1994, p. 10).

Realmente a Escola é um ambiente propício para o ensino e aprendizagem, porém depende do aluno querer desenvolver seu aprendizado estudando em casa e tirando dúvidas com professores ou colegas. Existem aqueles autodidatas, mas, até estes têm o livro ou/e outras tecnologias como instrumentos de ensino, ou seja, o livro serviu de suporte para o seu aprendizado, mesmo assim é bastante provável que este venha a ter à dúvidas durante seus estudos “individuais” e assim, precisará do professor para aprimorar seu conhecimento.

Assim concordamos com Nóvoa: “Os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção das aprendizagens, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da diversidade e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias” (2009, p. 13).

Tanto o analfabeto como o alfabetizado têm suas habilidades, então não existe ninguém despreparado culturalmente, o construtor, o agricultor, o artesão, cada um com suas afinidades, suas tarefas dignificam e contribuem para as suas culturas e caso, aquele que não seja, queira ser alfabetizado, é uma questão de escolha ou predisposição para a leitura, porém far-se-ão sempre necessários o desejo e a disponibilidade deste para entrar no mundo dos letrados.

No que concerne ao professor e à prática pedagógica, sua função consiste em fazer a mediação do conhecimento aos alunos que tem facilidades na aprendizagem e,

principalmente, auxiliar aqueles que têm dificuldades em aprender, garantindo-lhes sua aprendizagem através do ensino prático.

Dentre as adversidades nesse processo, podemos citar o fato de o estudante morar em ambiente familiar pobre, que, sabemos bem, não contribui para sua educação, por falta de alimentação adequada, moradia e a imposição dos pais em não os deixar estudar, isso caracteriza-se como um grande obstáculo na formação leitora e intelectual deste “aluno”. É necessário haver uma ação conjunta entre escola e sociedade, a fim de resgatar a criança e/ou o jovem para a escola desviando-a do destino adverso traçado, principalmente pela falta de condições econômicas.

Além disso, a falta de recursos didáticos e econômicos nas instituições de ensino impossibilita o diálogo entre comunidade e escola em eventos educativos, tais como: palestras, oficinas pedagógicas, semanas científicas e outros. Outro ponto relevante é a falta de recursos nas próprias salas de aulas, estas deveriam ser, com eficiência, um ambiente propício ao aprendizado, porém a estrutura da maioria das escolas, principalmente as públicas, não contribuem com essa função.

Há ainda a necessidade da divulgação na mídia do que podemos encontrar e vivenciar na educação. A escassez da voz dos professores nas emissoras de rádio ou televisão, em se tratando de debates, discussões a respeito do que se passam nos bastidores das escolas e universidades é também um problema que necessita ser solucionado.

É notório um bom professor, tenta sempre é conduzir os alunos para o conhecimento através da prática, conseqüentemente, com essa atitude, o educador atende as expectativas do estudante que querem aprender. Segundo Nóvoa (2009), essa é uma das “facetas que definem um bom professor”, aquele que auxilia os alunos em todas as suas dúvidas, seja no interior da escola e universidade ou fora dela.

Ressaltando que, se não houver essa política de aprimoramento para o aprendizado do aluno, quem se prejudica é ele mesmo, e conseqüentemente o professor também. O “bom professor” tem que se preocupar com o aluno, e nele mesmo. Segundo Sérgio Cortella (2003), “se você perde competência, eu perco, se você aumenta tua competência, eu aumento a minha também”. Educação, é isso, se o professor prejudica o aluno pela falta de atenção e apoio nas atividades pedagógicas, o mesmo se prejudicará e a nossa educação continuará estacionada, sem perspectivas de melhorias para o ensino e aprendizagem.

Se a educação é prioridade no país, por que não aumentar os salários dos professores para poder ter aulas com mais rendimento e melhorar o aprendizado dos alunos? Como os professores podem cobrar bons leitores se os mesmos são mal remunerados (as)? Qual interesse do professor em criar grupos de leitores e ter uma participação direta na aprendizagem de leitores? Tanto alunos como professores se tornam insatisfeitos por não haver dinamismo na própria política educacional e políticas públicas de nosso país. “O professor pensa ensinar o que sabe, o que recolheu nos livros e da vida, mas o aluno aprende do professor não necessariamente o que o outro quer ensinar, mas aquilo que quer aprender” (Sant’Anna, 1986).

Através desta pesquisa bibliográfica, que tem como referência grandes autores nacionais. Estes, com suas teorias, fomentaram a pesquisa e esta resultou em reflexões relevantes quanto a função e a interação entre professores e alunos; e sobre questionamentos socioeconômicos a respeito dos problemas enfrentados pelos discentes de classe menos favorecidas, tendo como proposta final o envolvimento de uma política educacional para um melhor ensino e aprendizagem em sala de aula.

Considerações Finais

Constatamos neste trabalho, a importância da leitura e das recomendações para tê-la como prática diária, felizmente, a mesma tem sido meta da humanidade nos últimos anos, em virtude de tantas avaliações sistemáticas e políticas públicas constatarem essa fragilidade nas instituições educativas e escolares.

A participação em grupos de leituras melhora o convívio interpessoal, capaz de discutir e solucionar os problemas e resgatar o aprendizado. Quando temos uma sociedade leitora, automaticamente ela se transforma em conformidade com a educação.

A pobreza intelectual é característica de uma sociedade sem perspectiva de vida. Somos construtores de um conhecimento através da leitura e de sua prática permanente. Em sala de aula absorvemos o conteúdo e não buscamos nas literaturas o que não foi proposto, podendo ser partilhado nas escolas. A transformação do homem se processa por meio da valorização pela cultura nos ambientes escolares, em bibliotecas populares e nos corredores escolares. Para ser leitores revolucionários é preciso se desviar dos pensamentos e dos caminhos que são desvirtuados pelo descontrole emocional. Uma mente vazia não é capaz de

mudar os melhores planos no âmbito educacional. É preciso investir em propostas para erradicar o analfabetismo, transformando em pessoas letradas e dividir as tarefas a cada indivíduo no seu labutar intelectual e manual.

O sistema educacional precisa de recursos humanos e tecnológicos como instrumentos para o desempenho de medidas instigadoras, contribuindo de forma direta ou indireta na sociedade contemporânea por uma comunidade leitora, trazendo à tona a prática da leitura e da escrita como alternativas capazes de transformar o mundo.

Concluimos que para seguir os parâmetros condizentes com uma educação que venha fortalecer o aprendizado dos alunos de baixa renda, há a dependência de investimentos sistemáticos em práticas de leitura e de escrita para que o indivíduo se aproprie dela como práticas sociais. Esse é realmente um desafio para os discentes de baixo poder aquisitivo que desejam o término do ensino básico, pois, geralmente, são desassistidos pelas políticas públicas.

Os estudantes podem ter como alternativa o seu envolvimento com a leitura que permitirá crescimento intelectual, abrindo portas para o mercado de trabalho através de seus laboriosos estudos. E, as escolas com auxílios de políticas públicas e da sociedade, poderão desenvolver uma educação de patamar elevado para todos os cidadãos brasileiros.

Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Coimbra: Atlântida, 1957.

CASTELLS, Manuel (2001). *The internet galaxy*. Oxford. Oxford University Press. In – Disponível em: <http://docplayer.com.br/27954213-Filomena-teresa-laranja-de-mesquita-guimaraes.html>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2017.

CHAPLIN, C. Citado em: **Revista Nova Escola**. Ano XIX. nº 170. Março de 2004. Disponível em: <http://www.visaogeografica.com/siteantigo/fragmentosdois.htm>>. Acesso em 15 de março de 2017.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Novos paradigmas da educação**. 2003 – OSP . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k0wlvV8XphY>>. Acesso em 25 de março de 2017.

FRANCO, Maria A.S. **A prática docente e a construção dos saberes pedagógicos.** Campinas. Revista Teias – Ética, Saberes & Escola, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 51ª. Ed. São Paulo, Cortez, 2011.

NÓVOA, António. **Professores: Imagens do futuro presente.** Educa Lisboa, 2009.

SANT'ANNA, A. R. **Desaprendendo a Lição: Discurso aos formado de Letras da UFRJ,** Rio de Janeiro, proferido no dia 28 de agosto de 1986.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura no Brasil: sua História e suas Instituições.** Campinas: SP, Editora da Unicamp, 1994.